

“Nós não iremos nos sacrificar para sustentar o Citibank”

por Cláudia Safatle
de Brasília

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, deu uma dura resposta ao “chairman” do Conselho de Administração do Citicorp, John Reed, que manifestou recentemente sua posição de não fazer concessões aos países devedores, em condições mais favoráveis nas renegociações das dívidas externas.

Funaro afirmou: “Nós não estamos no Brasil para nos sacrificarmos para sustentar o Citibank”. Acrescentou que “Portanto, há uma absoluta necessidade de uma negociação, sem ameaças iniciais, nem de um lado, nem de outro”.

Em matéria publicada na última quarta-feira pelo Wall Street Journal, o “chairman” do Citicorp foi claro ao dizer que nenhum outro país receberá dos bancos as condições sob forma de menores taxas de risco ou outras facilidades, concedidas, contra sua vontade, ao governo mexicano.

“Nunca vi alguém que está preparado para uma negociação definir-se antes dessa negociação. Isto é, no mínimo, uma posição que desrespeita o outro lado da mesa”, observou o ministro da Fazenda, após despacho com o presidente da República, em entrevista no “hall” do Ministério.

Para Funaro, porém, a entrevista de Reed foi até positiva. “Ele nos ajudou muito, ao provar que o Citicorp tem sua grande fonte de lucros na América Latina e que ele não pretende abrir mão disso.”

Segundo o relatório anual do Citicorp, em 1985 o banco apurou 25% do seu lucro, que atingiu US\$ 998 milhões, nas operações realizadas na América Latina, América Central e Caribe. O Citibank é o maior credor isolado tanto do Brasil quanto do México.

As declarações de Reed têm um peso particular pa-

ra o Brasil, pois o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira é presidido por funcionário dessa instituição.

A posição do governo brasileiro, na ótica do ministro da Fazenda, é irreversível. Quando Funaro se reuniu em Brasília com todos os governadores do PMDB, ele traçou o quadro das necessidades de ingresso de capital para fazer frente aos pagamentos que o Brasil deve fazer ao exterior e disse na ocasião: “se não entrar dinheiro novo neste ano, o País terá de ir para um confronto”.

Ontem, o ministro reiterou essa colocação. O Brasil transferiu, nos últimos cinco anos, US\$ 55 bilhões para o sistema financeiro internacional. No mesmo período, recebeu apenas US\$ 19 bilhões. O superávit comercial projetado para este ano — as cifras variam entre US\$ 8 bilhões a US\$ 10,4 bilhões — é insuficiente para pagar o que o Brasil deve no exterior.

A necessidade estimada de dinheiro novo para este ano oscila entre US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões.

Funaro afirma que “nenhum país fez o ajuste que o Brasil fez e todos tiveram necessidade de financiamento”. Na renegociação mexicana, foram obtidos US\$ 6 bilhões de novos financiamentos, por prazo de doze anos e “spread” (taxa de risco) de apenas 0,81%.

John Reed disse que essas condições não serão concedidas a nenhum outro país. Dentro dos quinze dias, segundo Funaro, o governo brasileiro volta à mesa de negociações com os bancos credores internacionais privados. “O Brasil já foi muito colaborativo com o sistema financeiro internacional. Sacrificou-se internamente para pagar US\$ 12 bilhões aos banqueiros. Certamente esse tipo de panorama o Brasil não deseja mais”, conclui.